

## A RECEÇÃO DA FIGURA DE VIRIATO NO PORTUGAL CONTEMPORÂNEO: ENTRE AS ARTES E AS LETRAS (UM PRIMEIRO TENTÂME)

Ana Cristina Martins<sup>1</sup>

### Resumo

Viriato, que terá enfrentado a expansão de Roma na Hispânia, em meados do séc. II a. C., está presente em diferentes tipologias narrativas de construção identitária e nacionalista, tanto em Espanha, quanto em Portugal. Utilização que se torna particularmente evidente a partir do século XIX e, no caso português, com especial clareza durante o regime do ‘Estado Novo’ (1926/1933-1974), circunstância que foi já analisada em contexto académico (Guerra; Fabião, 1992).

Centraremos, no entanto, o nosso olhar na representação de Viriato em artes visuais e, sobretudo, de palco, entre finais do séc. XX e inícios do XXI, embora sem desmerecer determinadas obras, nomeadamente literárias, expandindo o primeiro ensaio realizado neste âmbito (Guerra; Fabião, 1998), de modo a encontrar um hipotético modelo iconográfico e narrativo, escrutinando a sua origem, objetivos e consequências. Análise que permaneceria truncada se não contemplássemos a utilização desta figura em contexto popular e espaço público, o que pretendemos de igual modo concretizar, mesmo que de forma ainda sumária.

### Palavras-chave

Viriato; Portugal Contemporâneo; Nacionalismo; Artes; Literatura.

---

<sup>1</sup> Investigadora – IHC – Polo Universidade de Évora/IN2PAST, Évora, Portugal. E-mail: [acmartins@uevora.pt](mailto:acmartins@uevora.pt)

## **Abstract**

Viriathus, who resisted the expansion of Rome in Hispania in the middle of the 2nd century BCE, appears in several identity and nationalist construction narrative typologies in Spain and Portugal. The use of this historical figure becomes particularly evident from the 19th century onward and, in Portugal, with exceptional clarity during the 'Estado Novo' regime (1926/1933-1974), a circumstance that has been analyzed in academia (Guerra; Fabião, 1992).

We will focus, however, on the representation of Viriathus in the visual arts and especially on stage from the end of the 20th to the early 21st centuries without detracting from specific works (especially literary ones), further expanding the first essay carried out in this context (Guerra; Fabião, 1998) to find a hypothetical iconographic and narrative model and scrutinize its origin, objectives, and consequences. Such an analysis would remain truncated if we failed to contemplate this figure in a popular context and public spaces, which we also intend to achieve, even if only tentatively.

## **Keywords**

Viriathus; Contemporary Portugal; Nationalism; Arts; Literature.

“O que os deuses ditarem para o seu povo hoje, será a raça que forjamos para o amanhã”  
(Viriato no filme *Viriato*, 2019).

## 1. Alguns contextos prévios

Viriato (*Lusitânia*). Jugurta (*Numídia*). Vercingetorix (*Gália*). Arminius (*Germânia*). Decébalo (*Dácia*) Boudica (Britânia), entre outros.

São estes alguns nomes de quem, combatendo a presença romana, fica na história como figuras heróicas, para uns, e bárbaras, para outros. Nomes que se distinguem pelo modo como lutam corajosamente contra Roma e pelo fim trágico que os une (Matyszak, 2013).

Viriato é um deles.

Associada à resistência de indígenas contra os romanos, a figura de Viriato é utilizada amiúde como representação de uma vontade independentista face a projetos hegemónicos que marcam algumas páginas daquela que será a história de Portugal. Assim sucede no nosso país, como ocorre noutras territórios unidos pelo imperativo da Roma Imperial, embora os movimentos renascentista e humanista façam prevalecer o apreço pela romanidade<sup>2</sup>. Particularidade comungada por distintas geografias e realidades culturais que fascinam a intelectualidade europeia ao longo dos tempos. Enlevo alimentado, num primeiro momento, durante a “Monarquia dual” (1580-1640), como se apreende da leitura da *Monarchia lusitana* (1597-1609), do monge, escritor e historiador Frei Bernardo de Brito (1569-1617), e numa obra mais tardia, no poema épico *Viriato Trágico em Poema Heroico* (Coimbra, 1699), do militar, poeta e escritor Braz Garcia de Mascarenhas (1596-1656).

Mais de um século volvido, assistimos a uma visão romantizada, lírica e epopeica de Viriato como pastor, inspirada no *beau sauvage* Setecentista ou no “bom pastor” bíblico, cristão, em contraponto à decadência moral e política imputada ao regime absolutista equiparado à Roma imperial (Lens Tuero, 1994; Sánchez Moreno, 2002: 25). Sentimento suscitado numa Europa assolada por tropas napoleónicas contra as quais se erguem vontades unidas em nome de identidades comuns. Não surpreende, por isso, que figuras, como a de Viriato, centralizem narrativas históricas em

---

<sup>2</sup> Em Portugal, destacamos o exemplo do frade dominicano e humanista compaginado com a sua época, André de Resende (1498-1573), ao enaltecer a presença romana em território português, em especial na região de Évora, cidade que o vê nascer e falecer (Resende, 1996).

geografias carecidas de legimitação político-administrativa, embora o cenário português pareça prescindir deste expediente quando comparado a realidades coevas, apesar da devastação causada pelas invasões francesas. Razão possivelmente pela qual, por exemplo, a atividade arqueológica é integrada tão tardiamente na esfera académica portuguesa, o mesmo sucedendo com os demais recursos já existentes noutros países no quadro da preservação monumental. Nada, porém, que impeça, na totalidade, de Viriato e Sertório se tornarem importantes figuras tutelares durante a Guerra Peninsular (1807-1814), assim como referenciais para a união entre a realeza e a aristocracia de Corte (Vlachou, 2008).

Entretanto, poderá ser algo inesperada a posição do escritor, poeta e historiador Almeida Garrett (1799-1954). Em 1845, dedica à figura do líder lusitano os poemas *A caverna de Viriato*<sup>3</sup> e *A sombra de Viriato*, contidos na sua obra *Flores sem fruto*<sup>4</sup>. Exaltando-o como libertador da agreste Lusitânia, aproveita para criticar a atualidade política nacional Oitocentista na seguinte passagem da estrofe VII do primeiro: “Que a defender a pátria e a liberdade // Nesses tempos bastavam // De honra e lealdade”.

Portugal enfrenta um longo e desafiante período agravado pela independência do Brasil e as lutas liberais que provocam profundas feridas no tecido social ecoantes até aos nossos dias. Delas resulta a vitória da monarquia constitucional liderada por uma figura carismática e intrépida - qual Viriato -, que, entre outros aspetos, procura harmonizar o território e a política interna mediante a construção paulatina e tardia, quando cotejada a outras situações ocidentais, de um império. Neste âmbito, A. Garrett, como expectável pela sua formação, reproduz ideias e ideais clássicos, como os de liberdade e patriotismo. Nada, todavia, que obste ao clima inquietante gerado pela necessidade de coexistência, nem sempre evidente e pacífica, entre o princípio da individualidade exaltada pelo Liberalismo, por um lado, e o Catolicismo presente na formação e educação, por outro; entre uma ordem política e um sistema político

<sup>3</sup> Ainda no exílio londrino, A. Garrett escreve e publica, em 1825, nas páginas de *O Popular, jornal político, literário e comercial*, editado em Londres, a poesia *Caverna de Viriato, canção*, num contexto político muito particular que assola Portugal - as lutas liberais -, razão do seu desterro na capital inglesa.

<sup>4</sup> Titulação similar que reencontramos noutras publicações, a mais conhecida das quais será *Les Fleurs du mal* do poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867), considerado um marco da poesia moderna e simbolista, gerada, na sua maioria, entre as décadas de 40 e de 50, e publicada em 1857. Antes disso, o teólogo, académico, escritor, poeta e cardeal católico inglês John Henry Newman (1801-1890), publicara, em 1833, *Flowers Without Fruit*, refletindo os valores vitorianos de contenção e a maior relevância das ações sobre as emoções.

liberais, de um lado, e uma religiosidade proeminentemente católica, de outro.

De formação clássica, na qual o respeito pelas antiguidades clássicas se sobrepõe ainda à nutrida pelas nacionais, reforçada pelo movimento neoclássico, a escolha de *A caverna* para o primeiro dos poemas consagrados a Viriato poderá remeter para a alegoria de “O mito da caverna” retirada de “A República” de Platão.

Desde este possível ângulo de abordagem, A. Garrett parece reiterar o papel do líder no processo de construção de uma nova realidade, esclarecendo, catalizando, organizando, liderando e sacrificando a sua liberdade em nome de um projeto maior: a comunidade. Além disso, a caverna é um símbolo universal de origem e iniciação através do (re)nascimento, tão utilizado pela Maçonaria na qual A. Garret é iniciado c. de 1817 adoptando o nome do romano Quinto Múcio Cévola (140-82 a.C), considerado um dos mais importantes juristas do seu tempo.

Putativas interpretações que se confirmarão ao relermos o segundo poema *A sombra de Viriato*.

Remetendo-nos para as sombras projetadas no interior da caverna platónica, A. Garrett alerta para o perigo de ideias deturpadas e preconceituosas e a indispensabilidade do conhecimento verdadeiro existente no seu exterior. Acepção tanto mais interessante quando atendemos à epígrafe escolhida pelo autor: "Yet came there the morrow, // That shines out, at last [, in] the longest dark night." ['No entanto, chegou o dia seguinte, // Que brilha, por fim, na mais longa noite escura.'], lavrada pelo escritor, poeta e político irlandês Thomas Moore (1779-1852), autor de composições de sucesso adotadas por nacionalistas conterrâneos que A. Garret conhece bem pelo menos desde o seu exílio em Londres, em meados dos anos 20.

Trata-se, em todo o caso, de uma hipotética filiação dos portugueses contemporâneos na lusitanidade que é contraditada por autores como o historiador e político Joaquim P. de Oliveira Martins (1845-1894), para ser recuperada por vários outros, a exemplo do poeta e escritor Fernando Pessoa (1888-1935), com o poema *Viriato* incluído na obra *Mensagem* (Pessoa, 1934)<sup>5</sup>, cuja terceira estrofe relembrava a epígrafe escolhida por

<sup>5</sup> “Se a alma que sente e faz conhece // Só porque lembra o que esqueceu, // Vivemos, raça, porque houvesse // Memória em nós do instinto teu. // Nação porque reencarnaste, // Povo porque ressuscitou // ou tu, ou o de que eras a haste - // Assim

Almeida Garrett para o seu próprio poema (*vide supra*). Com efeito, a *antemanhã* pessoana mais não será do que Viriato a renascer esperançoso e redentor da *caverna*.

De qualquer dos modos, entende-se assim melhor que, em 1992, dois latinistas e arqueólogos clássicos, Amílcar Guerra e Carlos Fabião, investigadores e docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dêem à estampa o artigo ‘Viriato: genealogia de um mito’. Titulação deveras sugestiva assim como enquadrável na linha de análise desdobrada na historiografia da arqueologia da escola anglo-saxónica sob influência do ângulo de abordagem do passado da ciência arqueológica definido pelo antropólogo e arqueólogo canadiano Bruce G. Trigger (1937-2006).

Afastando-se dos estudos tradicionais neste âmbito, mais associados à listagem de nomes, espaços e projetos, Guerra e Fabião procuram entender o interesse por Viriato no seu espaço e no seu tempo, contextualizando as narrativas que sobre ele são construídas de acordo com determinadas agendas prevalentes.

E não deixa de ser sintomático que escolham, para epígrafe do seu artigo, um excerto da obra épica de Luiz Vaz de Camões, cujos 500 anos de nascimento celebramos em 2024: “Deixo, Deuses, atrás a fama antiga // Que co a gente de Rómulo alcançaram, // Quando com Viriato, na inimiga // Guerra Romana, tanto se afamaram [...].” (Camões *apud* Guerra; Fabião, 1992: 9). Tanto mais significativo nos surge esta circunstância quando o momento vivido em Portugal e no resto da Europa no início dos anos 90 parece demandar figuras como a de Viriato.

Num misto de euforia, intrepidez, perplexidade, esperança e cautela, assiste-se à queda do Muro de Berlim e com ela ao início de uma nova era que se pretende melhor, robustecida pelo desenvolvimento dos territórios que se unem à (então ainda) CEE - Comunidade Económica Europeia. Portugal é um destes casos, aderindo em junho de 1985. Não obstante as aparentes vantagens económicas da sua entrada nesta organização, multiplicam-se vozes contrárias e, sobretudo, receosas de que a nova condição do país abale, esbata, mitigue ou elimine a sua identidade composta de múltiplas particularidades plasmadas no modo de ser, estar e fazer das suas gentes. Compreende-se assim que o premiado cineasta

---

se Portugal formou. // Teu ser é como aquela fria // Luz que precede a madrugada, // E é já o ir a haver o dia //Na *antemanhã*, confuso nada".  
<https://www.gutenberg.org/files/32528/32528-h/32528-h.htm>

Manoel de Oliveira (1908-2015) realize ‘Non ou a Vã Glória de Mandar’ (1990)<sup>6</sup>, percorrendo memórias de guerras devastadoras para o país, desde a resistência de Viriato ao desastre africano. No ano seguinte, é a vez da companhia teatral ‘O Bando’ levar à cena a peça ‘Viviriato’<sup>7</sup> baseada na obra de Braz Garcia de Mascarenhas (*vide supra*), numa crítica contundente às raízes e natureza do belicismo num momento (1991) em que se assiste à invasão da Croácia por forças federais da antiga Jugoslávia.

Este é, pois, o pano de fundo que permite entender melhor a recuperação do ‘Astérix da Lusitânia’, Viriato. Figura que, na realidade, se encontra desde há muito no imaginário coletivo português.

## 2. Viriato na produção erudita portuguesa: uma sinopse

Não é, contudo, apenas Viriato que é recuperado de quando em vez por determinadas agendas, mormente nacionalistas, a exemplo do que sucede com Arminius, elevado a herói nacional durante a unificação da Alemanha em finais de Oitocentos e associado à construção do projeto hegemónico nacional-socialista<sup>8</sup>.

Não entrando na problemática da caracterização dos lusitanos, sua origem e área de influência geográfica, e identificação com os ‘portugueses’, trabalhada por autoridades nesta matéria (Guerra; Fabião, 1992; 1998), sublinhamos que “É verdadeiramente quando a independência nacional periga e os sentimentos patrióticos se impõem como imperativo de cidadania que os vetustos «antepassados» são invocados” (Guerra; Fabião, 1992: 17).

É o que sucede com Viriato.

Desde logo, com o já referido Braz Garcia de Mascarenhas, acérrimo defensor da restauração monárquica portuguesa, em *Viriato Trágico*, fazendo coincidir lusitanos e portugueses, território da Lusitânia e Reino de Portugal.

Filiação negada com firmeza já em pleno século XIX, por mão do escritor, historiador e jornalista Alexandre Herculano (1810-1877), numa posição

<sup>6</sup> ‘Non’, ou A Vã Glória de Mandar (1990) [Trailer] (youtube.com).

<sup>7</sup> Viviriato (1991) - Teatro O Bando.

<sup>8</sup> Sobre este assunto, *vide*, neste mesmo dossier, o artigo de Martin Lindner e Nils Steffensen ‘Germanic Migrations – Reception and Self-perception in the Federal Republic of Germany’.

seguida até inícios da centúria imediata, mormente em manuais escolares (Guerra; Fabião, 1992: 18), enquanto se mergulha no romantismo literário influenciado pelo revivalismo medieval que povoa o imaginário coletivo de cavaleiros combatendo denodadamente a presença moura, ou seja, a presença estranha ao território. Ademais, a Europa de Oitocentos é pautada por contextos histórico-culturais que criam condições justificativas de um novo olhar lançado sobre textos clássicos e reabilitação de figuras e episódios históricos que tivessem concorrido para a construção das presumidas nacionalidades, seu engrandecimento e perpetuação.

Existem, é certo, exceções ao discurso ainda dominante acerca da filiação entre lusitanos e portugueses. José Leite de Vasconcelos (1858-1941) é uma das mais notórias ao reivindicar a filiação entre ambos no primeiro volume de *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal* (Lisboa, 1897). O contexto, todavia, da sua publicação clarificará um pouco melhor este posicionamento. Com efeito, Portugal, em geral, e Lisboa, de modo particular, encontra-se em vésperas de celebrar o IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia ainda no rescaldo do terramoto político, económico, cultural e mental provocado pelo ‘Ultimato britânico’ (1890) lançado contra as pretensões portuguesas em África (Campos, 1990).

Entretanto, a tradução portuguesa de *Viriato* do arqueólogo, historiador e filólogo alemão Adolf Schulten (1870-1960) é publicada em 1927 e prefaciada pelo médico, antropólogo físico, pré-historiador e professor universitário A. A. Mendes Correia (1888-1960), numa fase em que Espanha procura apropriar-se da figura de Viriato como herói nacional, Portugal reforça o regime militar ditatorial conducente ao ‘Estado Novo’ (1926/1933-1974) e intitula de *Viriatos* a brigada de portugueses combatendo ao lado das tropas franquistas na Guerra Civil de Espanha (1936-1939), robustecendo, também assim, o caráter castrense desta filiação histórica. Caráter que é recuperado em 1961 com a “Operação Viriato”, militar, numa Angola já mergulhada na guerra colonial (1961-1974).

Viriato torna-se, neste ocasião, a representação do guerreiro forjado na paisagem agreste da região onde se insere a Serra da Estrela que insta à unidade para sobrevivência do grupo. Imagética fortalecida e apropriada como figura central da mitología nacional (Pastor Muñoz, 2006) pelo próprio estadista António de Oliveira Salazar (1889-1970), cuja personalidade se forjara nas suas faldas que o viram nascer. É também revigorada em 1940 por ocasião das comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração da Independência de Portugal (1140 e 1640).

Circunstância particularmente evidente durante a inauguração, em Viseu, neste mesmo ano, da estátua de Viriato, da autoria do escultor e medalhista espanhol Mariano Benlliure (1862-1947) e o discurso do etnógrafo e escritor Jaime Lopes Dias (1890-1977) sobrelevando *o nosso querido Portugal: livre, independente e imortal* (Dias, 1953: 14).

Mas como conciliar a resistência à conquista romana e a exaltação dos benefícios da cultura clássica, como assinalam com pertinência A. Guerra e C. Fabião, sobretudo em contexto de guerra colonial portuguesa (Guerra; Fabião, 1992: 21)? Como, de facto, harmonizar interesses imperialistas e vontades independentistas, numa altura em que a historiografia tende a escrutinar cada vez mais todas as tipologias de actores da história? Na verdade, não surpreende que a diminuição gradual da presença, em manuais escolares, da figura construída de Viriato “guerrilheiro” liderando o seu povo na luta contra o ocupante coincida, precisamente, com a condução da guerra colonial. Outros dois factores estarão, no entanto, na base desta evidência, de acordo com estes mesmos autores: o desenvolvimento da própria investigação histórica e a evolução das perspetivas pedagógicas definidas para o ensino básico que começam a retirar espaço à História (Guerra; Fabião, 1992: 22).

Parece-nos, todavia, existirem outras justificações.

Considerando que o gradual afastamento dos feitos lusitanos chefiados por Viriato parece ocorrer sobretudo já em finais da década de 60, suprimindo-se as suas referências desde 1968 (Guerra; Fabião, 1992: 22), colocamos outra hipótese a somar às demais.

Com efeito, é exactamente neste último ano que, na sequência dos tumultos gerados pelo maio de 68 em Paris, têm lugar manifestações estudantis na Universidade de Lisboa, culminando, no ano seguinte, na de Coimbra. Antes disto, porém, registara-se uma certa coincidência temporal entre a definição, na revisão constitucional de 1951, da nova divisão administrativa dos territórios extra-europeus portugueses que passaram de colónias a províncias ultramarinas, abolindo assim o conceito de ‘Império Colonial Português’ na esteira das pressões internacionais que vêm sendo colocadas sobre o regime do ‘Estado Novo’, e a publicação de *Viriato: capitão da Lusitânia* (1954), do militar e deputado à Assembleia Nacional, Alfredo Pereira da Conceição (1911-1972).

### **3. Viriato na iconografia em Portugal na viragem para o séc. XXI: a construção de uma memória imagética colectiva**

De um modo geral, a representação de Viriato é assaz estereotipada, revestida de arquétipos ideológicos retirados das fontes greco-latinas e transmudada em mito nacional modelado em artes e letras. Neste sentido, pouco ou nada divergirá do tipo de reprodução encontrada para outras figuras que, combatendo também a presença romana, são de igual modo elevadas a mitos nacionais, como as enunciadas no início deste nosso pequeno e primeira aproximação ao tema (*vide supra*).

Na verdade, e recorrendo, uma vez mais, a A. Guerra, ficamos a saber que, entre outras situações, “Viriato como marca essencial do “génio português”, encontra-se no arco da rua Augusta.” (Guerra, 2023), ali colocado mais de um século após a sua conceção original, convivendo com a representação escultórica de Nuno Álvares Pereira (1360-1431), Vasco da Gama (1460/69-1524) e Marquês de Pombal (1699-1782), num tentâme de sintetizar páginas consideradas, à época, fundamentais da história do território. Decisão tomada apesar dos acesos debates mantidos em torno do que se entende ou pretende ser a origem do povo português e da oposição de pareceres emanados da Real Academia das Ciências de Lisboa (Guerra, 1992; 2023), pois “Viriato constitue um alimento essencial do nacionalismo dominante” (*Ibid*), ligado, deste modo, à figura do dirigente que todos agrupa e orienta.

Não é, seguramente, a primeira representação não literária de Viriato. Nem tão pouco será a última.

Em abril de 1799, por exemplo, o pintor português Francisco Vieira Portuense (1765-1805), residindo em Londres há alguns anos, após deixar Itália, é incentivado pelo embaixador português D. João de Almeida e Mello e Castro (1756-1814) a expôr na *Exhibition* da *Royal Academy of Arts* (RAA) a obra *Juramento de Viriato*, de inspiração pré-romântica de pendor nacionalista, posteriormente oferecida ao Príncipe Regente Dom João (1767-1826) que a coloca no Palácio da Ajuda, em Lisboa, antes de a fazer transportar para o Brasil com a restante Corte Portuguesa, em 1807, onde se terá perdido. Ainda assim, dela remanesce a gravura efetuada por Francesco Bartolozzi (1727-1815), cofundador da *Royal Academy of Arts* (Londres, 1768) e figura destacada do meio artístico londrino (Gomes, 1995: 87), datada do ano seguinte, com quem Vieira Portuense trava conhecimento na capital inglesa.

Com o número 300, esta obra, incluída no catálogo publicado pela RAA no mesmo ano, apresenta-se descrita com inesperado detalhe, possivelmente pelo desconhecimento generalizado do tema e, até mesmo, do seu autor:

Viriato, chief of the Lusitanians, exhorts his companions to take vengeance for the perfidy of Galba, who, under the cover of a deceitful reconciliation, orders the Lusitanians, who with confidence had presented themselves unarmed to negotiate a treaty of peace, to be unmercifully butchered; and at the fight of the dead corps of the men, women, and children were slain, Viriato swears, by putting his hand, and those of his companions, in the wounds of the virgins yet palpitating, that they will not lay down their arms until they are revenged on the cruel invaders of their country, and the perfidious enemy of the human race (*Royal Academy of Arts*, 1799: 13).

O mesmo título é, ademais, aplicado noutras obras, nomeadamente de autores portugueses coetâneos. É o caso da assinada pelo pintor, colecionador e professor de desenho na Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto (1803-1837), José Teixeira Barreto (1763-1810), executada entre finais de Setecentos e princípios de Oitocentos, e incorporada nas coleções do Museu Nacional Soares dos Reis (Porto).

Aqui, não podemos deixar de constatar como o tema do ‘Juramento’ conquista uma expressão saliente neste período finissecular, em antevésperas da Revolução Francesa (1789), inspirando uma das obras que seguramente mais influencia outras nesta conjuntura. Referimo-nos à pintura *Le Serment des Horaces* (1784) do francês Jacques-Louis David (1748-1825), patente ao público no *Musée du Louvre*, simbolizando o princípio do sacrifício pessoal em nome do bem geral, especialmente da pátria. Temática revigorada ao longo das campanhas napoleónicas, contribuindo para a construção visual de mitos nacionais que acabam por protagonizar a produção artística de recorte histórico, de linguagem estética neoclássica e romântica.

Entretanto, no meio tempo que decorre entre o projeto inicial e a concretização do já mencionado Arco da Rua Augusta (*vide supra*), conhece-se, pelo menos, mais uma obra que incorpora a figura de Viriato.

Trata-se do baixo-relevo, em gesso, intitulado – uma vez mais –, *Juramento de Viriato*, de Francisco de Paula Araújo Cerqueira (1808-1855), executado e apresentado por ocasião da Exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, em 1843. Com desenho do pintor Tomás José da Anunciação (1818-1879), a peça é supervisionada pelo pintor, ilustrador e encenador António Manuel da Fonseca (1796-1890) e gravada pelo pintor António Tomás da Fonseca (1822-1894) (Duarte, 2015: 261, 267). Pertence ao acervo artístico da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e, em 2014, integra a

exposição temporária “Almeida Garrett – a Viagem e o Património”, evocativa dos 160 anos da morte deste intelectual, patente ao público no Panteão Nacional, em Lisboa.

Muitos anos decorrem e assiste-se ao último grande romance histórico escrito em torno da figura de Viriato. Da autoria do jornalista e escritor João Aguiar (1943-2010), intitula-se *A voz dos deuses. Memórias de um companheiro de Viriato* e é publicado em 1984.

Ano e título deveras interessantes. Portugal recorrera à ajuda e intervenção do FMI - Fundo Monetário Internacional no ano anterior e encontra-se a um ano de entrar para a (então) CEE. Neste contexto, o feito de Viriato sugere como missão divina contada por um narrador homodiegético, numa altura em que o romance histórico se torna particularmente presente na produção literária no país, com destaque para a biografia ficcionada. Ficção que, nas palavras do próprio autor, será mais credível do que os dados colhidos pelo leitor em textos da especialidade, não obstante assistir-se ao esforço de descentralização da investigação arqueológica que beneficia o estudo de fenómenos históricos autóctones:

estou sinceramente persuadido de que o Viriato que os leitores encontrarão nestas páginas está mais próximo do Viriato histórico e verdadeiro que a tradicional imagem do rude pastor dos Hermínios bravamente entrincheirado na sua Cava, em Viseu; mesmo porque Viriato não nasceu nos Hermínios (ou seja, a serra da Estrela) e a Cava é uma fortificação que nada tem a ver com o chefe lusitano (Aguiar, 1985: 7).

O romance torna-se rapidamente um sucesso, evidenciado pelas sucessivas edições esgotadas, pelo estilo de escrita que prende o leitor desde a primeira à última página e pelo rigor histórico que lhe é reconhecido, fundamentado em dados recolhidos em documentação antiga e recentes estudos arqueológicos. Ainda assim, lembremos que as primeiras grandes sínteses têm lugar em finais da década seguinte, com as exposições temporárias organizadas no Museu Nacional de Arqueologia com os respetivos catálogos de referência ainda nos nossos dias: *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* (1996) e *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu* (2000).

O êxito alcançado pela obra de J. Aguiar justificará a sua adaptação ao palco.

É o que acontece no Verão de 1999 quando o actor, encenador e diretor do grupo de teatro ‘Fatias de Cá’ (Tomar; Ribatejo, 1979), Carlos Carvalheiro (1955-), estreia o espectáculo *Viriato* no âmbito da ‘Festa do Rio e das Aldeias, do concelho de Vila Nova da Barquinha, no cenário natural e

ídlico do Castelo de Almourol', erguido a norte de uma pequena ilha situada a meio do rio Tejo<sup>9</sup>. Repetido em Conimbriga no quadro dos 'Encontros de Teatro de Tema Clássico Conimbriga-Aeminium-Sellum' (Ferreira, 1999), o espectáculo tem várias edições até 2021, decorrendo as duas ulteriores (2022 e 2023) na praça de touros de Tomar. A acção tem lugar ao entardecer para conferir maior carga dramática à narrativa e nele participando dezenas de actores, figurantes e o próprio público que é convidado de honra do banquete do casamento de Viriato.

Interessante que, no início do Outono deste mesmo ano de 1999, a peça *Enclave* é levada à cena pelo Teatro Regional da Serra do Montemuro no Teatro da Comuna (Lisboa). Encenada por Steve Johnstone, o texto é da responsabilidade do encenador e dramaturgo Peter Cann (1955-) e da actriz Thérèse Collins, ambos britânicos. Inspirada nas lendas de Viriato e do anglo-saxão Eadric *The Wild*, a peça versa sobre um país ocupado por um poder estrangeiro onde perdura uma região que ainda lhe resiste, qual aldeia gaulesa de Astérix. Recordemos que 1999 é um ano particularmente importante para a consolidação do projeto europeu, com o início da terceira fase da UEM - União Económica e Monetária, a realização das eleições parlamentares europeias, assim como das primeiras sessões do novo Parlamento da Escócia e da Assembleia Nacional de Gales. A natureza identitária e nacionalista do texto é, por segidente, evidente.

Retomando *A voz dos deuses* (*vide supra*), o sucesso obtido justifica nova adaptação ao teatro.

Desta feita, estamos em 2003 e a iniciativa parte do advogado, professor universitário, político e presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, Diogo Freitas do Amaral (1941-2019), com o título *Viriato: peça em três actos*. Levada à cena no Teatro da Trindade, em Lisboa, neste mesmo ano, pelo encenador Jorge Fraga, trata-se de "Um espectáculo em que o universo da política é, novamente, o da facada nas costas"<sup>10</sup>, optando por uma cenografia que remete o espectador para a forma do monumento a Viriato, em Viseu<sup>11</sup>.

O mote da peça revela-se assaz pertinente. Três anos após a entrada na moeda única, Portugal sujeita-se a novas regras orçamentais impostas pelas instituições europeias, limitando o défice orçamental a uma

<sup>9</sup> VILA NOVA DA BARQUINHA - Teatro "Viriato" em Almourol | Rádio Hertz ([radiohertz.pt](http://radiohertz.pt)).

<sup>10</sup> 'ESPERO UM GRANDE ÉXITO' - Cultura - Correio da Manhã ([cmjornal.pt](http://cmjornal.pt)).

<sup>11</sup> Jorge Fraga - RTP Arquivos.

determinada percentagem do PIB – Produto Interno Bruto. A estrutura das contas públicas é, no entanto, incompatível com a meta definida. Contexto que contribui para a derrota do PS – Partido Socialista nas eleições autárquicas de dezembro de 2001 e a sequente demissão do primeiro-ministro António Guterres (1949-) por falta de condições políticas essenciais para evitar a derrocada das finanças públicas do país. Situação penosa reconhecida pelo XV Governo Constitucional de Portugal liderado por José M. Durão Barroso (1956-). Portugal vive uma profunda recessão económica e Freitas do Amaral, que apoiara a sua candidatura, desilude-se com o seu desempenho e o apoio que concede, no início de 2003, à invasão do Iraque pelos Estados Unidos da América.

Mas o livro de J. Aguiar não inspira apenas o político e o encenador.

Muito antes, o seu conteúdo motivara o maestro, compositor e diretor artístico Jorge Salgueiro (1969-) a compor a *Sinfonia n.º 1 - A Voz dos Deuses*. Composta em 1992 e com a duração de 40m, a *Sinfonia n.º 1* confirma, uma vez mais, a ligação íntima que se estabelece desde sempre entre literatura e música, independentemente da ordem dos factores. Dedicada, nas palavras do compositor, à Banda da Armada onde fora admitido como trompetista em 1987, a peça é tocada pela primeira vez em 1993, precisamente por esta Banda (Neves, 2003: 8). Assim se demonstrará um outro vínculo, desta feita ao legado militar português cuja genealogia é por muitos entrevista nos feitos de Viriato.

Oito anos depois, é a vez de o músico Carlos Dâmaso (1949-) compor a peça que acompanha a estreia do espectáculo no castelo de Almourol, orientando-se para tal em sonoridades celtas (*vide supra*).

Nada, porém, que deva surpreender se tivermos em linha de conta a obra do compositor e defensor do Integralismo Lusitano glorificador da Lusitânia de Viriato<sup>12</sup>, Luís de Freitas Branco (1890-1955), *Viriato. Poema Sinfónico - Funerais de Viriato*, datada de 1916 (Perez-Borrajo, 2020).

Composta para Orquestra<sup>13</sup> com forte influência wagneriana, de recorte nacionalista, a partir de texto do escritor, jornalista e político, também ele

<sup>12</sup> Movimento sócio-político tradicionalista e monárquico português atuante entre 1914 e 1932 que se opõe à República, incluindo ao Estado Novo, assim como à Monarquia Constitucional e ao Liberalismo, defendendo o Municipalismo, o Nacional sindicalismo, a Igreja Católica, a Monarquia Tradicional e proclamando a restauração da nação portuguesa.

<sup>13</sup> A composição assenta, sobretudo, no recuso a sopros, percussão e cordas, incluindo harpa.

integralista lusitano, José Hipólito Raposo (1885-1953), a obra evoca o momento em que Viriato é encontrado morto pelos seus soldados, o luto e as cerimónias fúnebres. Estreada em fevereiro do ano seguinte no Teatro República, em Lisboa, no âmbito do ‘Festival Luso-Espanhol’, pela Orquestra Sinfónica de Lisboa sob a direção do Maestro Pedro Blanch (1877-1946), a peça é posteriormente apresentada no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, desta feita pela Orquestra Sinfónica Portuense sob a direção do seu fundador, o pianista e diretor de orquestra Raymundo de Macedo<sup>14</sup>.

Trata-se, sem dúvida, de uma primeira grande experiência de osmose entre composição literária e musical, tendo como elemento comum a figura de Viriato.

No número 16, de 15 de fevereiro de 1917, da revista mensal *Atlântida: mensário artístico, literário e social para Portugal e Brazil* (1915-1920), surge o conto de H. Raposo *Funerais de Viriato* dedicado a Alberto Monsaraz e epígrafe retirada de obra do historiador latino de origem africana *Lucius Florus* (sécs. I-II), associado a um trecho do poema sinfónico de L. de Freitas Branco ilustrado com parte da partitura<sup>15</sup>.

O texto *Funerais de Viriato* que serve de base à composição musical é classificado por uma certa crítica da época como dos melhores, incluídos no livro *Outro Mundo. Lembrança da Terra e dos Homens*, de H. Raposo, “É uma água forte, de Mestre, pintada com arte, com amor, com brilho descriptivo, em tonalidades primorosas, cheias de luz, projectando-se como uma deslumbrante visão do Passado” (Crispim, 1918: 2). Outros vão mais longe, ao assinalar que,

---

<sup>14</sup> Haverá, pelo menos, mais duas apresentações: em 1943, ou seja, em plena II Guerra Mundial (1939-1945), no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, pela Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direção do Maestro Pedro de Freitas Branco (1896-1963), e em 2005, no Teatro Municipal São Luiz, também em Lisboa, sob a direção do Maestro Andrea Pestalozza.

<sup>15</sup> Ligação estreita entre literatura e composição musical que não é inédita na obra de L. de Freitas Branco. Ainda em 1912, mas com estreia parcial apenas em 1918, no Teatro Politeama (Lisboa), compusera três fragmentos sinfónicos intitulados *Tentações de S. Frei Gil*, a partir de uma obra do poeta, monárquico e integralista lusitano António Correia de Oliveira (1879-1960), dada à estampa em 1907. Em 1915, é a vez de musicar três sonetos do político ensaísta, poeta e figura proeminente do Integralismo, António Sardinha (1887-1925) - *O motivo da planície, Minuete e Soneto dos repuxos* -, para voz e piano. Segue-se *O Canto do Mar* (1918), para soprano ou tenor e orquestra, sobre um texto do colaborador de H. Raposo, o político, poeta, integralista e nacional-sindicalista Alberto de Monsaraz (1889-1959), estreada no mesmo ano no Teatro República (Lisboa).

Relembrar o tempo passado em que a Pátria se engrandecia por feitos de seus filhos [...] é trabalhar proficuamente para o levantamento dum povo que se encontra decadente [...]. É sentir nas veias, ainda a correr, aquele sangue bendito que fez da Historia portuguesa um livro de heroísmos, um missal de abnegações (Santa Martha, *A Monarquia*, 1918: 2).

Bastará percorrer palavras impressas pelo próprio H. Raposo para entendermos melhor este posicionamento:

É noite agora. Quando o lume acabou de entregar ao céu todas as almas, restava consagrar os últimos despojos. Subitamente, por entre os soluços, cruzam-se gritos alarmantes de povo: a sombra do Herói à vista flutuando à flor da chama, como um hálito do fogo, a subir até às nuvens, para onde os braços prolongam o desejo de partir. // E sobre o sepulcro aonde as cinzas são recolhidas, corpo a corpo os últimos soldados vieram matar-se, dando em sua glória o testemunho do sangue. // Esta foi a grande saudade que neste mundo Viriato deixou (Raposo, 1917: 286).

Os anos da composição e estreia deste poema sinfónico não serão apenas coincidentes no espaço e no tempo. Portugal entra na I Grande Guerra (1914-1918) a 9 de março de 1916 em resultado do apresamento dos navios germânicos em águas portuguesas, embora viesse mantendo já frentes de batalha em África para defesa dos territórios de Angola e Moçambique. Situação que agrava as condições de vida no país, fazendo escassear e dificultando o abastecimento de produtos alimentares, o que acaba por conduzir a vários protestos sociais em todo o território, em especial durante 1917.

Além disto, as ideias contidas nas obras de H. Cabaço e L. de Freitas Branco fazem ecoar as contidas em edições periódicas integralistas, como *A Monarquia: Diário Integralista da Tarde* (1917-1925) para a qual o compositor contribui com críticas musicais e textos sobre 'latinismo', 'germanicismo' e o seu apreço por compositores franceses. É, no entanto, numa das publicações mais salientes do Integralismo Lusitano, *A Questão Ibérica* (1916), reunindo textos decursivos de palestras ocorridas em 1915 na *Liga Naval Portuguesa* (Lisboa, 1900) que encontramos 'Música e Instrumentos' de L. de Freitas Branco onde enaltece a autenticidade e a autonomia patrimoniais da música popular portuguesa (Branco, 1916: 119-1943; Pina, 2016).

Mas estes são apenas alguns exemplos de como, a propósito da figura de Viriato, se elaboram romances históricos adaptados a peças dramatúrgicas e musicais levadas à cena, num testemunho evidente do diálogo mantido entre distintas formas de produção criativa de nítidos vasos comunicantes entre si.

E quanto à sua representação gráfica?

Procedendo a uma análise muito sumária, por se tratar de uma primeira aproximação ao tema, é possível observar interessantes elementos comuns que parecem prevalecer no material consultado. Entre eles, sobressai a figura de Viriato representado como líder, de cabelo esvoaçante, envergando vestuário, armas e símbolos de poder considerados coetâneos, numa atitude guerreira, destemida e libertária, surgindo com frequência num plano superior aos demais figurantes (quando existem), sobre um afloramento pétreo e/ou rodeado de rochedos, num enquadramento imagético paisagístico aparentemente compatível com o dos denominados ‘Montes Hermínios’ - *Mons Herminius* (tradicionalmente associados apenas à Serra da Estrela).

Embora o modelo mais seguido, nomeadamente em cartaz promotor de torneio de ténis de mesa, pareça ser o da estátua de Viseu, esculpida por M. Benlliure (*vide supra*), promovendo Viriato como herói nacional, num período em que Portugal não existia ainda como país, a pintura de Vieira Portuense surge de igual modo nalguns casos. É o que sucede na capa de edições de *Viriato Trágico*, de Braz Garcia Mascarenhas, adaptado em prosa pelo escritor, pedagogo e político João de Barros (1881-1960). Outras produções mais recentes dispensarão qualquer imagem apriorística, moldando-se de acordo com outros critérios, nem sempre evidentes.

De qualquer dos modos, a representação de Viriato surge-nos nos mais diversos tipos de suporte e com distintas funções. Entre estas, sobressai a emblemática, incluindo a heráldica autárquica - caso da Vila de Cabanas de Viriato<sup>16</sup> -, associativa<sup>17</sup> e militar. Embora menos frequente, encontramo-la também em exemplares numismáticos<sup>18</sup>, medalhisticos<sup>19</sup>,

---

<sup>16</sup> Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato (Junta de Freguesia de Cabanas de Viriato | CM Carregal do Sal (cm-carregal.pt)).

<sup>17</sup> Casos da Associação de Bombeiros Voluntários de Cabanas de Viriato ((1) Facebook) e da Sociedade Filarmónica de Cabanas de Viriato (Sociedade Filarmónica de Cabanas de Viriato | CM Carregal do Sal (cm-carregal.pt)).

<sup>18</sup> Caso da moeda ‘Raízes Culturais – Viriato’, da autoria do escultor José Espiga Pinto (1940-2014), integrada na X Série Ibero-Americana cunhada pela INCM-Imprensa Nacional Casa da Moeda (Moeda: Raízes Culturais - Viriato (Normal) | INCM).

<sup>19</sup> Exemplos da medalha de bronze coleção ‘Viriato’ do XIII Colóquio da Associação dos Técnicos Administrativos Municipais, de 1993, assim como da, também de bronze, autorizada por Armindo Viseu, do XXV Aniversário da Fundação da Casa da Beira Alta (Porto, 1981) (Medalha Bronze | Antiguidades e Colecções, à venda | Santarém | 36096076 | CustoJusto.pt).

filatélicos<sup>20</sup> e ex-librísticos, além de materiais relacionados, direta e indiretamente, com a atividade turística, a exemplo de postais<sup>21</sup>.

São, ainda, abundantes as apropriações do nome e da iconografia construída, mormente pelo já aqui citado escultor espanhol M. Benlliure, nas mais diversas tipologias de distintos sectores da economia nacional, designadamente cultural, incluindo banda desenhada<sup>22</sup>. Por isso o encontramos a designar a tradicional sala de espectáculos da cidade de Viseu que lhe atribui um dia - ‘Dia de Viriato’ -, no âmbito da anual e muito concorrida popular ‘Feira de São Mateus’, em agosto, assim como a nomear testemunhos de hotelaria e restauração, a par de outras empresas da mais diversa natureza<sup>23</sup>, tendo, no entanto, como elemento (quase) comum o facto de pertencerem à geografia tradicionalmente associada à vida do guerreiro lusitano. Testemunhos demonstrativos da importância do passado como marca identitária de um território e suas comunidades. Utilização de nomes e feitos históricos que contribuem para a construção do que é hoje Portugal e que se encontra plasmado no vídeo de animação *Era uma vez um país. De Viriato à Padeira de Aljubarrota*<sup>24</sup>, publicado em 2009 pela ‘Porto Editora Multimédia’ na série *A História de Portugal explicada às crianças*. Trata-se de uma iniciativa que nos remete para a série *Il était une fois... L'Homme* (1978) e para o caldear da identidade nacional entre um momento em que não existia ainda o Condado Portucalense e a garantia da independência do Reino face a Castela, em batalha decisiva (Aljubarrota, 1385).

Mais recentemente, em vésperas da pandemia COVID-19, retoma-se o tema na cinematografia portuguesa. Desta feita, cabe ao cineasta Luís Albuquerque (1963-) realizar *Viriato*<sup>25</sup>, estreado a 10 de outubro de 2019, com argumento de Ana Carolina Pascoal (1992), rodado em localidades beirãs como Seia, Viseu e São Pedro do Sul, e apoio da Câmara Municipal de Seia. De acordo com a sinopse, trata-se de um filme biográfico do

<sup>20</sup> Caso do selo ‘Aqui há Selo – Viriato, o Lusitano’, do Atelier Acácio Santos | Hélder Soares, 2010 (Stamp: Aqui Há Selo - Viriato the Lusitanian (Portugal(Literature, Press and Comics (Comics)) Mi:PT 3476,Sn:PT 3179,Yt:PT 3455,Sg:PT 3724,AFA:PT 3483,Afi:PT 3913,Un:PT 3455,WAD:PT025.10 (colnect.com)).

<sup>21</sup> Monumento a Viriato , Viseu (postais-antigos.com).

<sup>22</sup> HOMENAGEM A JOSÉ GARCÉS EM VISEU (wordpress.com); BD E HISTÓRIA DE PORTUGAL (5) - VIRIATO (pinterest.com) e “Viriato na Banda Desenhada” | (wordpress.com), entre outros testemunhos.

<sup>23</sup> Exemplo disto, a produção vitivinícola ‘Terras de Viriato’ - 2014 Terras de Viriato Reserva tinto (garrafeiranacional.com).

<sup>24</sup> História de Portugal - Episode "Viriato" (pinterest.com).

<sup>25</sup> VIRIATO Trailer Oficial (youtube.com).

guerreiro que dedica a sua vida a proteger as suas gentes, selecionando-se a seguinte frase para o cartaz de divulgação, proferida por Viriato no filme: “O que os deuses ditarem para o seu povo hoje, será a raça que forjamos para o amanhã.”. Elocução com peso claramente messiânico e defensor da filiação entre lusitanos e portugueses, surgindo-nos Viriato envergando adereços e pinturas corporais a lembrar outros opositores do Império Romano, como os Pictos.

Trata-se da única película produzida entre nós que lhe é integralmente dedicada depois de, em 2016, o canal televisivo ‘História’ lhe consagrara um documentário composto de dois episódios<sup>26</sup>, como sucedera em 1990, por iniciativa da RTP – Rádio Televisão Portuguesa<sup>27</sup>, coincidindo com o filme ‘Non ou a Vã Glória de Mandar’ (*vide supra*), a peça de teatro ‘Viviriato’ (*vide supra*) e a publicação, dois anos depois, do primeiro ensaio sobre a recepção da figura de Viriato em Portugal, por Guerra e Fabião (*vide supra*).

### Breves reflexões finais e algumas questões em aberto

Tal como sucede com outras figuras históricas transformadas em heróis e mitos nacionais de acordo com determinados contextos históricos, Viriato tem sido utilizado como exemplo de sacrifício pessoal em nome de um bem maior, o da comunidade. Uma comunidade associada a uma geografia, uma cultura material e uma forma de estar e atuar que, em uníssono, deverá corresponder a uma identidade. Identidade que é construída e reconstruída em permanência para justificar agendas e pretensões genealógicas.

Este é o ângulo generalizado de análise dos estudos de recepção do passado. O ângulo mais apertado tem a ver com o escrutínio dessa receção nas artes e na literatura em cuja conjuntura produzimos esta nossa primeira aproximação ao tema escolhido – a figura de Viriato.

Muito fica por observar e reflectir, nomeadamente quanto à vulgarização desta mesma receção.

Com efeito, quantos exemplos de utilização da figura e do nome de Viriato comportam o verdadeiro entendimento da sua personalidade histórica? Apropriar-se do nome e da imagem (inventada) de Viriato significa interiorizar, na plenitude, os seus feitos e o sentido que tiveram na origem?

---

<sup>26</sup> Vídeo | Facebook.

<sup>27</sup> Viriato – Episódio 01 – RTP Arquivos.

Além disso, não devemos esquecer que legitimar uma identidade – neste caso, a de Viriato -, implica proceder, mesmo que inscindivelmente, a uma alteridade que não é, nem pode ser, a primordial.

E como o passado é composto de emoções vividas, memorizadas e transmitidas de forma desigual pelos seus protagonistas, sucessores, estudiosos e utilizadores, perguntamos como proceder com essas mesmas emoções quando o próprio acto de investigar é emoção e gera sentimentos. Mais do que isso, a receção do passado é sempre mediada por emoções, sejam elas individuais ou colectivas. Por isso perguntamos de novo: como proceder? Falsificam-se as emoções? Melhor, será possível não falsificar as emoções, mormente quando elas visam, provocam e decorrem, quase sempre em simultâneo, de agendamentos muito concretos, embora possam não ser evidentes a um primeiro olhar?

Agendas que requerem, amiúde, sustentação histórico-cultural independentemente da sua geografia, cronologia, categoria ou tipologia. Sobretudo quando as emoções assim suscitadas geram as desejadas relações entre programadores e público-alvo intermediadas, precisamente, por testemunhos patrimoniais. Também assim se estabelecem ligações com o passado. Ligações que são metamorfoseadas e transfiguradas de acordo com contextos específicos, em especial quando motivadas por agendas extremistas, donde intolerantes, onde prima a irracionalidade potenciadora de paixões identitárias essenciais à justificação, legitimação e nutrição de determinados programas políticos. Podem, além disso, ser anuladas e substituídas por outras opostas, implicando a destruição de exemplares patrimoniais, embora a ausência possa ser tão ou mais potenciadora de emoções, sendo que os referentes se apresentam de modo distinto dependendo do ângulo político que os utiliza, reutiliza e, até, forja.

A figura de Viriato não é exceção neste quadro. Além disso, a sua apropriação compagina-se ao que sucede noutras países, como tivemos oportunidade de verificar, ainda que com brevidade, tornando-se um exemplo de resistência a poderes exógenos e a forças endógenas responsáveis pela decadência económica, financeira e social. Por isso o encontramos em vários contextos, sendo utilizado de diferentes formas e com recurso a distintos tipos de suporte.

Antes de encerrar esta nossa primeira aproximação ao tema, importará referir que muito se poderá produzir neste âmbito. Desde logo, detalhar a recepção da figura de Viriato ao longo dos tempos, entre os dois lados da fronteira ibérica, realizando um levantamento tão exaustivo quanto

possível. Depois, contextualizar essas mesmas receções desde o ponto de vista da trans-contextualidade e trans-memória. Valerá também a pena proceder a uma análise iconográfica e iconológica comparativa entre os diferentes tipos e contextos de recepção com demais figuras heróicas que lutaram contra a presença romana. Ademais, será interessante procurar compreender em que medida a apropriação do nome de Viriato e da sua figura imaginada é verdadeiramente assimilada. Importará de igual modo avaliar o grau de conhecimento popular sobre Viriato e a sua importância para a construção da memória colectiva regional e nacional e o relevo – ou não -, que lhe conferem na actualidade, aferindo tipos de emoções e memórias que o mesmo lhes possa suscitar. Somente assim se obterá um quadro mais generalizado e específico desta realidade em permanente (re)construção, quantas vezes por agendas revisionistas, independentemente do respetivo quadrante ideológico e político.

Apenas deste modo se logrará comunicar, partilhar, identificar, analisar e ultrapassar incorreções históricas, e – possivelmente o mais importante no contexto de promoção de uma verdadeira “ciência cidadã” –, discutir, com consequências, as formas de transmitir o passado aos distintos públicos, sem desformar a natureza problemática desse mesmo passado (Martins, 2020; 2022). Públicos que primam pela multiculturalidade e se apresentam mais exigentes, desafiadores e atentos a conteúdos propagados veloz e aliciantemente através do mundo digital e das redes sociais. Em suma, somente assim se promoverá um verdadeiro diálogo inclusivo, um dos grandes testes à identidade, não apenas territorial, individual e colectiva, como científica.

Caberá ainda questionar de que modo a produção de conhecimento e de património arqueológico tem corrido, mesmo que de modo involuntário, para a (re)estruturação da figura de Viriato, dos lusitanos e da relação entre estes e os portugueses. Em que medida os seus (re)construtores têm recorrido a esse mesmo conhecimento? Qual a natureza e quais os níveis de relações, memórias e emoções estabelecidos entre ambos? Estas e outras questões merecerão a atenção e o escrutínio da parte de vários actores em todo este processo de entendimento de um fenómeno de construção de mitos nacionais através da imagética (Renard, 2023) distinguíveis noutros episódios e actores da história de qualquer geografia e comunidade.

*Lisboa, Primavera-Verão de 2024.*

## Agradecimentos

Aos editores do presente volume por todo o apoio e compreensão. O presente texto foi produzido no contexto do IHC financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, João. *A voz dos deuses – Memórias de um companheiro de armas de Viriato*, «Advertência prévia», 12<sup>a</sup> ed. Lisboa: Perspectivas e Realidades, (1<sup>a</sup> ed.), 1985.
- ALARCÃO, Jorge de (ed.). *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa: Ministério da Cultura, 1996.
- ALARCÃO, Jorge de. *Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2001.
- BRAGA, T. *A Patria Portugueza: O territorio e a raça*. Porto: Chardron, 1894.
- BRANCO, Luís de Freitas. Música e instrumentos. In: *A Questão Ibérica: Integralismo Lusitano*. Lisboa: Almeida Miranda & Sousa, 1916: 119-143.
- CRISPIM. Jornaes Portugueses. *A Monarchia*. 1918: 2. Disponível em: <1918-01-10 J-4131-G.pdf> (bnportugal.gov.pt). Acesso em: 19 nov. 2024.
- DIAS, Jaime Lopes. *Viriato: herói e pioneiro da independência*. Lisboa: Editorial Império, 1953.
- DUARTE, Eduardo. Três Jornais de Belas-Artes do Século XIX em Portugal. CONVOCARTE. *Estudos de historiografia e crítica de arte portuguesa*, n.º1, dez. 2015: 252-269.
- FARIA, Miguel Figueira de. Political and Aesthetic Ideas in the Correspondence Related to Domingos Sequeira and Vieira Portuense. *PolitiCal and aeStHetiC ideaS*: 144-157.
- FERREIRA, José Ribeiro. O Viriato de João Aguiar no Castelo de Almourol. *Humanitas*, n. 51, 1999: 371-373.

GARCIA, José M. Uma realidade entre o mito e a história. *Prelo*. 9, Out.-Dez., 1985: 59-70.

GOMES, Paulo Varela Gomes: Francisco Vieira (Vieira Portuense), as suas relações com a Feitoria Inglesa no Porto, e a sua visita a Londres (1788-1790). O colecionador e Museólogo Iluminista, Dom Frei Manuel do Cenáculo. *Portugal e o Reino Unido. A Aliança Revisitada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995: 87-91.

GUERRA, Amílcar; Carlos FABIÃO. Viriato: Em torno da iconografia de um mito. *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1998, vol. 3: 33.79

GUERRA, Amílcar; Carlos FABIÃO. Viriato: Genealogia de um Mito. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, 1992, 8: 9-24.

GUERRA, Amílcar. A apropriação de Viriato (e dos Lusitanos) no séc. XIX em Portugal. In: RODRIGUES, Nuno Simões; RODRIGUES, Ália (coords.) *Identidade Romana e Contemporaneidade*. Série *Humanitas Supplementum. Estudos Monográficos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2023: 163-189.

LENS TUERO, Jesús. Viriato, héroe y rey cínico. In: LENSTUERO, Jesús (coord.). *Estudios sobre Diodoro de Sicilia*. Universidad de Granada: Servicio de Publicaciones, 1994: 127-144.

LUPI, João. Os lusitanos e a construção do ideal nacionalista português. *Brathair-Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, v. 1, n. 1, 2001: 13-29.

MARTINS, Ana Cristina. Afinal, para que serve a história da arqueologia? Arqueologia e território: realidades, necessidades e possibilidades (breves reflexões). *Scientia Antiquitatis*. 2022, Vol. 1: 248-264. Disponível em: <<http://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/issue/view/40>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MARTINS, Ana Cristina. Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões). In: ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andres (eds.). *Arqueologia em Portugal. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2020: 17-24.

MATOS, Sérgio Campos. História e identidade nacional: A formação de Portugal na historiografia contemporânea. *Lusotopie*, 9.2, 2002: 123-139.

MATOS, Sérgio Campos. História, positivismo e a função dos grandes homens no último quartel do século XIX. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, 1992, 8: 51-71.

MATOS, Sérgio Campos. *História, Mitologia, Imaginário Nacional. A História no Curso dos Liceus (1895-1939)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

MATYSZAK, Philip. *Os inimigos de Roma: de Aníbal a Átila, o Huno*. tradução de Sônia Augusto. Barueri: Editora Manole, 2013.

NEVES, Rui M. Ramalho Ortigão. Vamos ouvi-los um século depois. *Revista da Armada*, n. 366, 2003: 8-10.

PASTOR MUÑOZ, Maurício. *Viriato: o herói lusitano que lutou pela liberdade do seu povo*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.

PEREITA, Maria Helena da Rocha. *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira, IX Estudos sobre língua e literatura portuguesas*. Lisboa-Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.

PEREZ-BORRAJO, Aarón. Les contrepointistes de L'École d'Évora. El Integralismo Lusitano y la Escola de Évora en el nacionalismo musical de Luís de Freitas Branco. *Popular Music Research Today: Revista Online De Divulgación Musicológica*, 2(2), 2020: 33-47. Disponível em: <<https://doi.org/10.14201/pmrt.23928>>. Acesso em: 19 nov. 2024.

PINA, Isabel. O integralismo musical de Luís de Freitas Branco: de Viriato a Camões. *Revista Portuguesa de Musicologia. Nova Série*, v. 5, n. 2, 2018: 357-382.

PINA, Maria Isabel A. da Silva. *Neoclassicismo, nacionalismo e latinidade em Luís de Freitas Branco, entre as décadas de 1910 e 1930*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa, 2016.

RAMOS, Maria Ana Revista. A emergência de uma identidade literária em Portugal. entre história, textos e críticos. *Signum*. 2019, vol. 20, n. 2. 95: 95-115.

RAPOSO, Hipólito. *Outro Mundo. Lembrança da Terra e dos Homens*. Coimbra: Typographia F. França Amado, 1953.

RENARD, Margot. *Aux origines du roman national. La construction d'un mythe par les images, de Vercingétorix aux Sans-culottes (1814-1848)*. Paris: Editions Mare & Martin, 2023.

RESENDE, André de. *As antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996 [RESENDE, André de. *Libri quatuor De antiquitatibus Lusitaniae Accessit liber quintus De Antiquitate municipij Eborensis*. Eborae: Martinus Burgensis, 1593.].

RODRIGUEZ MARTÍN, Francisco Germán Rodríguez. Las guerras lusitanas. In *Historia militar de España*. Madrid: Laberinto, 2009: 224-234.

SÁNCHEZ MORENO, Eduardo. Un rival y una frontera: Viriato en armas. *Desperta Ferro: Antigua y medieval*, n. 61, 2020: 22-30.

SÁNCHEZ MORENO, Eduardo; AGUILERA DURÁN, Tomás Aguilera. Bárbaros y vencidos, los otros en la conquista romana de Hispania: notas para una deconstrucción historiográfica. In: *Debita verba: estudios em homenaje al professor Julio Mangas Manjarrés*. Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, 2013: 225-244.

SCHULTEN, Adolf. *Viriato*. Madrid: Real Academia de Historia, 1920.

SENNA-MARTÍNEZ, João Carlos de; PEDRO, Ivone (eds.). *Por Terras de Viriato. Arqueologia da Região de Viseu*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000.

SILVA, Maria de Fátima (coord.). *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

SILVA, Maria de Fátima (coord.). *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Edições Colibri, vol. II, 2001: 440-441.

VASCONCELOS; José Leite de. 1897. *Introdução Geral a Religiões da Lusitânia, na parte que principalmente se refere a Portugal*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897: XXV-XXVII.

VLACHOU, Foteini. A pintura de história na Península Ibérica durante as guerras revolucionárias e napoleónicas: patriotismo e propaganda. *Olhão, o Algarve & Portugal no tempo das invasões francesas*. Olhão: Município de Olhão, 2011: 175-188.